RADIOFONIAS
REVISTA DE ESTUDOS DE RÁDIO E MÍDIA SONORA

antiga Rádio-Leituras | ISSN 2675-8067

RAÍZES: vozes indígenas em um podcast sobre povos originários no Brasil

RAÍZES: Indigenous voices in a podcast about indigenous peoples in Brazil

RAÍZES: Voces indígenas en un podcast sobre los pueblos indígenas de Brasil

Deyse Alini de Moura; Luciano Victor Barros Maluly; Gabriela Martin

Resumo

Este artigo discute as questões de identidade, comunicação, espiritualidade e memória por meio de depoimentos de indígenas brasileiros. O objetivo é contribuir para que o interesse em seus conhecimentos se espalhe, e que as pessoas não indígenas possam aprender mais sobre suas visões de mundo por meio de seus relatos. Este artigo é fruto do podcast RAÍZES, produção técnica desenvolvida como parte da pesquisa de Pós-Doutorado de Deyse Alini de Moura no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Palavras-chave: Indígenas no Brasil; Povos Originários; Podcast.

>> Como citar este texto:
MOURA, Deyse Alini de; MALULY, Luciano Victor Barros ; MARTIN, Gabriela. RAÍZES: vozes indígenas em um podcast sobre povos originários no Brasil. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 01, p. 37-59, jan./abr. 2025.

Sobre a autoria

Deyse Alini de Moura
deysemoura@usp.br
https://orcid.org/0000-0001-5705-0170
Doutora em Média-Arte Digital pela Universidade Aberta de Portugal, Portugal; cursando estágio pós-doutoral no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Brasil. Bolsista pela Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento.

Luciano Victor Barros Maluly
lumaluly@usp.br
https://orcid.org/0000-0002-2630-8922
Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, Brasil; estágio pós-doutoral pela Universidade do Minho, Portugal; professor e pesquisador no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Gabriela Martin
martingabriela@usp.br
https://orcid.org/0009-0009-8693-5651
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação ECA-USP. MBA em andamento em Gestão e Transformação Digital (ECA-USP). Graduada em Relações Públicas (Centro Universitário FECAP, 2021).

Abstract
This article discusses issues of identity, communication, spirituality and memory through testimonies of Brazilian indigenous people. The goal is to help spread interest in their knowledge, and to help non-indigenous people learn more about their worldviews through their stories. This article is the result of the podcast RAÍZES, a technical production developed as part of Deyse Alini de Moura's postdoctoral research at the Department of Journalism and Publishing at the School of Communications and Arts at the University of São Paulo.

Keywords: Indigenous people in Brazil; Indigenous Peoples; Podcast.

Resumen
Este artículo aborda las cuestiones de identidad, comunicación, espiritualidad y memoria a través de testimonios de pueblos indígenas brasileños. El objetivo es ayudar a difundir el interés por sus conocimientos y que las personas no indígenas aprendan más sobre sus visiones del mundo a través de sus historias. Este artículo es resultado del podcast RAÍZES, una producción técnica desarrollada como parte de la investigación postdoctoral de Deyse Alini de Moura en el Departamento de Periodismo y Edición de la Escuela de Comunicaciones y Artes de la Universidad de São Paulo.

Palabras clave: Pueblos indígenas en Brasil; Pueblos Indígenas; Podcast.

Introdução

Durante a Pandemia da covid-19, grupos populacionais localizados à margem das práticas tradicionais de comunicação passaram a produzir seus próprios conteúdos a fim de se informarem no enfrentamento ao vírus, a exemplo de diversos povos indígenas (CRUZ; BARTNISKI; CHAGAS, 2020), que fortaleceram a denominada etnomídia (NASCIMENTO, 2021), forma particular de apropriação dos meios para a prática de uma comunicação em defesa de seus direitos e em preservação de suas culturas e ancestralidade, produzida por e para eles. Mas o debate antecede à crise sanitária mundial causada pelo coronavírus.

Milhomens (2022) aponta que, após o período inicial de consolidação dos movimentos indígenas organizados, no final do século passado, tem-se ampliado a discussão sobre formas alternativas de produção e divulgação das pautas da população indígena, principalmente nas redes digitais.

Com esse mote, a pesquisa de pós-doutorado que originou este artigo tinha por objetivos principais entrevistar pessoas, preferencialmente indígenas, e registrar as opiniões delas quanto à forma como seus povos são vistos pela sociedade, sobre comunicação e outros assuntos. A partir das entrevistas semiestruturadas (DUARTE, 2006) realizadas entre 2023 e 2024, organizamos as falas em grupos temáticos (identidade, comunicação, espiritualidade e memória), a fim de produzir os quatro episódios do Podcast RAÍZES[1], uma produção técnica que permitiu que as falas dos entrevistados não ficassem restritas a publicações acadêmicas, mas que também atingissem a outros públicos em pleno Abril Indígena, com o papel de divulgação científica que o podcast, quando apropriado para fins educativos (FREIRE, 2013), pode desempenhar.

Para o podcast RAÍZES, foram entrevistados Cláudia Ferraz, da Rede Wayuri, de São Gabriel da Cachoeira, Amazonas; Anápuàka Tupinambá, da Rádio Yandê, Rio de Janeiro; membros da etnia Potiguara de Baía da Traição e de Rio Tinto, na Paraíba; e participantes do X Encontro Nacional dos Estudantes Indígenas - ENEI (estudantes e comunicadores que cobriam o evento), realizado em outubro de 2023 no município de Rio Tinto, Paraíba.

A seguir, apresentamos a transposição desses relatos, a partir da adaptação dos roteiros dos quatro episódios do Podcast RAÍZES para esta edição da Revista Radiofonias, acompanhadas das imagens de divulgação utilizadas nas redes sociais.

[1] RAÍZES | Podcast on Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/1ArSAls1vB4ETxVykR2Ym9>. Acesso em: 27 abr. 2025.

Identidade: ser indígena no Brasil, hoje[2]

De acordo com dados do Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística (IBGE, 2023), atualmente, quase um milhão e 700 mil indígenas vivem no Brasil. Esse número corresponde a 0,83% da população total do país.

Quando se fala em indígena brasileiro, que imagem vem à sua mente? A de uma pessoa baixinha, de pele bronzeada, cabelo liso e escuro, em formato de cuia, que anda com pouca roupa pelas matas? Bom, esse é o retrato que os livros de história equivocadamente pintam. Se tem uma população *diversa* no Brasil, é a população indígena. São 305 povos diferentes, que falam 274 línguas diferentes.

Mas apesar da riqueza de cores, sons, línguas, e formas de viver, aos olhos da maior parte da sociedade, a identidade do indígena, ainda hoje, se restringe ao diferente. Ao exótico. Àquele que é lembrado apenas em uma data específica.

Indígena do povo Potiguara, Tamara Rodrigues observa que a forma como o indígena é retratado precisa de revisão desde a educação básica, para que a sociedade reconheça a pluralidade desses povos, que não existem só em abril[3].

> Eu acho que infelizmente a sociedade só nos enxerga em dezenove de abril, que fazem aquela semana de conscientização, que a gente parece mais uma propaganda, né? (...) Então isso é muito chato porque infelizmente as pessoas acham que a gente é uma figurinha e que a gente só vai ser lembrada nessa semana, especificamente, sendo que a gente tá aqui todos os dias, lutando. Temos lutas diárias e ninguém enxerga, ninguém vê. É uma pena. E eu acredito que os espaços que a gente consiga mudar, realmente, como isso é contado, são nas escolas. A gente precisa trabalhar nas escolas e ensinar que os indígenas, eles estão espalhados pelo Brasil todo com diversas culturas, diversas línguas, e que cada um tem um estereótipo diferente do outro, porque a gente que é do Nordeste, a gente sofre muito com isso. “Ah, você não parece um indígena, né?”. (RODRIGUES, 2023)

Isso, da “cara” que o indígena deveria ter, como ele “deveria” se parecer, é

[2] #01. Identidade: ser indígena no Brasil, hoje - RAÍZES | Podcast on Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5DIWsWUQRR7olN8gSD9jPR>. Acesso em: 27 abr. 2025.

[3] Entrevista realizada durante o Décimo ENEI - Encontro Nacional de Estudantes Indígenas (2023), realizado no município de Rio Tinto (Paraíba).

uma questão muito séria levantada pelos povos indígenas no Brasil. A Iasypitã, que trabalha com etnoturismo, explica que existe uma expectativa dos não indígenas, quando viajam para conhecer o território Potiguara, de encontrar nativos com outras feições que não aquelas que refletem os séculos de abusos e extermínio étnico praticado pelos colonizadores, ou melhor, pelos invasores[4].

> Daí quando o turismo acontece, principalmente do indígena contando a sua história - porque eu vejo propagandas aí, que é de pessoas não indígenas vendendo o que nós somos de uma forma caricata - isso pesa muito, porque nos compram lá fora com essa forma, algo que a gente busca desconstruir, que é um indígena parado no tempo. Nós não somos mais estáticos, né? A cultura nunca foi estática, e eu já disse que a cultura é viva. A indígena de hoje não vai se comportar como minha antepassada e isso é um fato, né? Eu não vou estar nas ocas, como nosso povo já esteve, e se é que o povo potiguara já morou em ocas, ainda tem esse detalhe, né? Porque eram vários povos aqui no Brasil. São trezentos e cinco agora na atualidade, mas antes eram bem mais. Daí quando o pessoal, o turista, vem até o nosso território, eles vêm com essa mentalidade de que vai encontrar pessoas selvagens. Se nos provocar, vai ter pessoa selvagem, né? Eu recordo quando eu era guia e quando eu não estava trajada, que entravam em contato comigo e eu entendia que aquela pessoa estava querendo uma figura caricata de um indígena norte-americano. (POTIGUARA, 2023)

Brenno Xavier nasceu em Palmares, uma cidade no interior de Pernambuco, e também trabalha com etnoturismo na Baía da Traição, um dos três municípios localizados no Território Potiguara[5]. Filho de pai caboclo e de mãe branca, ele sempre teve muita dificuldade com essa parte de ser identificado e se identificar, se afirmar como indígena[6].

> É difícil. Se de fato fosse uma escolha, não acho que seria a escolha mais fácil, assumir a indianidade num território que de todas as formas tentam nos apagar, né? E como eu não sou o estereótipo do livro, então as pessoas olham pra mim, elas me negam a minha identidade; falam da barba, falam do meu rosto, falam da minha cor. Eu sou branco demais pra ser chamado de indígena, mas sou moreno demais pra ser chamado de branco. Então

[4] Entrevista realizada município de Rio Tinto (Paraíba), em 2023.

[5] Potiguara - Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Potiguara>. Acesso em: 22 dez. 2024.

[6] Entrevista realizada no município de Baía da Traição (Paraíba), em 2023.

> eu vivo num limbo existencial, onde as pessoas brancas, elas não me reconhecem como indígena, assim como os indígenas também não me reconhecem como branco. Então é uma luta onde eu tenho que estar o tempo inteiro tentando me defender dos ataques, contra a minha forma de enxergar o mundo, de como me coloco nele e de como eu me reconheço enquanto um indivíduo nesse lugar, então não é fácil. (XAVIER, 2023)

O Censo do IBGE de 2022 (IBGE, 2023) também apontou que 63,3% dos indígenas vivem fora das chamadas Terras Indígenas – que são as áreas de ocupação tradicional dos povos indígenas, demarcadas pela União, e sobre as quais esses povos têm posse permanente para o usufruto exclusivo das riquezas naturais e para a reprodução de suas culturas, segundo a Constituição de 1988[7].

Figura 1 - Imagem de capa e de divulgação do primeiro episódio do RAÍZES

Fonte: Isabelle Dantas (2025).

[7] BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. SECRETARIA-GERAL. SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS. CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 20 set. 2020.

Pelo trabalho ou pelo estudo ou por outras circunstâncias, incluindo a violência causada pela grilagem e posse ilegal dessas terras, muitos indígenas são deslocados de seus territórios. Esse é outro fator que contribui para o preconceito e para o apagamento da identidade indígena.

Jaqueline Ciríaco (nome indígena Irembé Potiguara) é professora. Saiu da aldeia, em Baía da Traição, para estudar em João Pessoa. Porque o pai dela sempre foi do movimento indígena, ela sempre fez questão de se impor e de afirmar sua identidade nos espaços que ocupou fora do território.

> Muitas vezes eu cheguei a me questionar por que as pessoas tanto procuravam a gente nesse dezenove de abril. Por estudar fora da aldeia, ir pra João Pessoa, ter que fazer faculdade e tal, às vezes, as pessoas me viam muito, porque eu nunca deixei de reafirmar minha identidade, né? Justamente pela questão do meu pai fortalecer essa ideia em mim. Então eu sempre mantive muito isso aí: eu sou indígena, eu sou Potiguara, eu sempre falava do movimento, eu sempre falava de como era a aldeia, de que a realidade não era aquela que estava no livro didático, que muitas vezes foi o que eu também estudei em João Pessoa, era um choque de realidade do que tinha no livro e do que tinha na minha realidade que eu vivenciava. E eu acho que tudo isso faz com que a gente consiga pensar que a gente tem uma missão, e a nossa missão, enquanto juventude indígena, enquanto mulheres indígenas, enquanto o movimento indígena é realmente fortalecer a identidade do nosso povo, e como é que a gente faz isso? (CIRÍACO, 2023)

A Irembé faz isso por meio de um projeto de revitalização da língua materna dos indígenas potiguara – o tupi antigo – que seus ancestrais foram proibidos de falar. De volta ao Território depois de se formar e tendo a tecnologia das comunicações audiovisuais como aliada, ela busca mostrar aos jovens a necessidade da autoafirmação de suas identidades em todos os espaços, para dar mais força à luta indígena.

> Eu acredito que seja algo muito importante, porque nem todos os jovens do nosso povo e dos demais povos, eles têm essa vivência, né, assim, fora da comunidade, às vezes eles acham que não tem necessidade de se expor e impor a sua identidade, dizer que é indígena, que é Potiguara, de estar rebatendo falas de outras pessoas que às vezes têm certo preconceito, que querem diminuir as nossas lutas. Mas a gente vê que eles percebem isso quando eles começam a ter um contato maior com a sociedade envolvente, quando começam a sair da aldeia, quando precisam ir pra uma

> faculdade. Quando eles precisam ocupar esses espaços, eles veem realmente que é difícil. E eu acredito que esse campo da internet, da tecnologia, ele possibilita a gente se impor, se posicionar, a gente ser protagonista, e esse protagonismo, ele tem que ser feito pelos indígenas. Então esse trabalho é fundamental, e ser feito na base, nas escolas, eu acredito que seja uma forma de colaborar também para que ele se perpetue, a gente não esperar pra fazer algo só quando chegar na faculdade, mas a gente estar trabalhando todas essas pautas e dando todas as ferramentas também na base, nas aldeias da nossa cidade, aqui na nossa região. (CIRÍACO, 2023)

Comunicação: armados para a luta[8]

Um dos grandes desafios dos povos indígenas no nosso país sempre foi conquistar e manter espaço para expor as pautas de interesse deles, trazer luz a temas importantes, possibilitando seu debate. Como o que chamamos de "mídia tradicional" não viabiliza esse espaço, já que opera em uma lógica que prioriza os lucros e uma agenda massificada, a solução encontrada por essas populações foi a criação de seus próprios meios de comunicação, se apropriando das tecnologias e criando suas narrativas. Isso é o que chamamos de etnomídia indígena (TUPINAMBÁ, 2024b), cuja prática vem crescendo nos últimos anos. E quem criou esse termo, "etnomídia indígena", foi o Anápuàka Tupinambá, comunicador autoditada e fundador da Rádio Yandê[9], a primeira web rádio indígena do Brasil.

> Somos 305 povos indígenas, 274 línguas. Como construir mídia indígena para um quantitativo tão grande, tão poderoso, que fizesse sentido para todos? Mas, ao mesmo tempo, não poderia mais seguir a ideia do conceito de mídia de massa, isso não faz sentido quando se tem uma diversidade tão grande e você não é simplesmente uma raça, você é uma nação. Então, somos 305 nações com formas sociais, políticas, culturais, jurídicas, econômicas, narrativas – é uma sociedade complexa. Povos indígenas são isso: são nações dentro desse negócio chamado Brasil. Se é uma nação, ele tem seus processos próprios, culturais. Então, passei a ter uma reflexão sobre a comunicação junto com a cultura. (TUPINAMBÁ, 2024a)[10]

[8] #02. Comunicação: Armados Para A Luta - RAÍZES | Podcast on Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6lJSNTubsnSYLniKlViuyI >. Acesso em: 27 abr. 2025.

[9] Home - Rádio Yandê. Disponível em: <https://radioyande.com/>. Acesso em: 20 fev. 2025.

[10] Entrevista realizada online, em 2024.

A Yandê completou 11 anos de existência em 2024, sem patrocínio. É um dos expoentes da etnomídia indígena no Brasil. Para o Anápuàka Tupinambá, é sobre protagonizar a comunicação.

> Em 13 de novembro de 2013, a gente bota a rádio online, pega os nossos conteúdos, começa a pensar como é que seria a estrutura da própria rádio. Eu trago experiência de outras mídias para modelar, já que a gente não teria publicidade nem apoio – a gente já não tinha mesmo e acabou não tendo nesses dez anos –, então a gente podia ter o tempo que a gente quisesse. A gente podia falar do Ailton Krenak durante três horas, ele falava à vontade, e sem entrar uma vinheta de patrocínio. A gente nunca precisou disso, porque a gente detinha a própria mídia, nós somos donos dela, então a gente coloca quanto tempo a gente quiser. A gente tem autonomia e protagonismo, a gente fala do que quiser, para quem quiser, quando quiser, e isso é uma coisa muito relevante pensando em mídia no país. Em mídia indígena, muito mais. (TUPINAMBÁ, 2024a)

Helder Rabelo, do povo Kambeba[11], na região do Alto Solimões, Amazonas, notou logo cedo a necessidade de os povos indígenas da região dele falarem por si próprios.

> Quando eu decidi fazer jornalismo, foi pelo fato de as pessoas não terem informação sobre o Amazonas e a Amazônia. As pessoas têm uma visão do que é o Amazonas, do que é a Amazônia, do que acontece ali. Mas as pessoas de fato não têm a informação necessária. Muitas vezes elas acabam se confundindo sobre o que tem ali, sobre o que é a região, como que as pessoas vivem, e eu acredito que a rádio comunitária pode levar isso fazendo parceria com rádios grandes, levando informação para pessoas que não estão ali na região ou que não conhecem mesmo a realidade. Hoje em dia, a gente consegue de fato levar informação sobre o que é ser indígena, porque sempre era algo distorcido e eu acredito que ainda está sendo distorcido. Muita coisa tem de ser transformada através da nossa comunicação, tem de ser informada. (RABELO, 2023)[12]

No documentário Guerras do Brasil (BOLOGNESI, 2019), Ailton Krenak – filósofo e professor, o primeiro indígena a se tornar um imortal na Academia

[11] Kambeba - Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kambeba>. Acesso em: 22 dez. 2024.

[12] Entrevista realizada durante o Décimo ENEI - Encontro Nacional de Estudantes Indígenas (2023), realizado no município de Rio Tinto (Paraíba).

Brasileira de Letras – olha para o entrevistador e fala: "eu não sei por que você *tá* me olhando com essa cara tão simpática. Nós estamos em guerra. O meu mundo e o seu mundo estão em guerra." Para Iasypitã Potiguara:

> Eu digo que ainda estamos em combate diário por existir. Não só por ser mulher, não só por ser indígena, mas pra continuar vivo no território ainda bem racista, um país ainda bem racista e que a tecnologia pra nós fez com que montássemos uma rede de proteção e de apoio, do indígena que tá aqui na ponta do Nordeste de se articular com o indígena que tá no Norte, conseguir montar um Acampamento Terra Livre, conseguir montar um evento como esse que está acontecendo hoje. Conseguir denunciar, que é a melhor parte. A melhor parte é a gente poder estar com o celular na mão e, no momento de uma abordagem policial bruta, a gente registrar. Então, quando sabemos usar a tecnologia pra essas articulações, eu digo que - não é que deixamos de ser indígena nem largamos o arco e a flecha - só aprendemos a usar duas armas. (POTIGUARA, 2023)

Assim como Potiguara, Brenno Xavier não poderia concordar mais.

> As redes sociais são armas, né? Que são usadas contra a gente muitas vezes. Mas a gente tem utilizado as redes sociais pra estudar, pra se formar, pra denunciar invasões, ocupações irregulares e pra gente poder fazer o nosso intercâmbio de saberes junto a outros povos. A nossa grande teia dos indígenas do Brasil é fortalecida por conta das redes sociais. Então, ela tem tudo como tudo na vida. Um lado bom, um lado ruim. O bom é tudo isso que eu falei. O ruim é que, muitas vezes, como a gente não é bem apresentado nas escolas – sempre mostram aquele livro contando indígenas do século quinze, século dezesseis – então quando as pessoas veem os indígenas ocupando lugares onde antes eram negados a eles, as pessoas usam as redes para deslegitimar o nosso direito ou pra invisibilizar as nossas lutas. Então, tudo tem um lado bom e um lado ruim. Mas a gente, do lado bom da coisa, a gente sabe usar bem. (XAVIER, 2023)

E já que o Brenno falou em teia dos indígenas, a Rede Wayuri de Comunicadores Indígenas do Rio Negro[13], formada com o apoio da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN) e do Instituto Socioambiental (ISA), é um bom exemplo de como funciona esse conceito.

Figura 2 - Imagem de capa e de divulgação do segundo episódio do

[13] Rede Wayuri - FOIRN. Disponível em: <https://foirn.org.br/rede-de-comunicadores-indigenas-do-rio-negro/>. Acesso em: 21 fev. 2025.

RAÍZES

Fonte: Isabelle Dantas (2025).

A Wayuri foi criada em novembro de 2017 e é composta por comunicadores indígenas de oito etnias: Baré, Baniwa, Desana, Tariana, Tukano, Tuyuka, Wanano e Yanomami. A dinâmica da Rede vem sendo pesquisada por estudiosos da área de comunicação é apontada como uma das principais representações da etnomídia indígena no país na atualidade, como revela Claudia Ferraz, que é umas das fundadoras e coordena a Rede Wayuri. Para ela, o que mais dá sentido ao projeto é o senso de representatividade que falar pelos parentes traz. “Parente” é como os indígenas se referem a outros indígenas, como uma forma de simbolizar a história e ancestralidade compartilhada. É uma ligação não sanguínea, que os une em torno de causas comuns.

> Porque, geralmente, vêm muitas pessoas de fora que fazem entrevistas e veem coisas mais superficiais e quando elas vão colocar ou postar em

> algum lugar, elas colocam, às vezes, coisas muito distorcidas. (...) Então, os parentes mais velhos, eles olham a gente e falam assim: "Vocês são nossos jornalistas". É como se eles se sentissem à vontade, tipo assim, vocês nos representam, vocês que falam por nós, vocês levam as nossas vozes, tá entendendo? Então, acho que a Rede traz também esse peso, essa responsabilidade muito grande, porque é uma representação que leva os 23 povos, que agora falam que é 24. (FERRAZ, 2024)[14]

A Rede Wayuri de Comunicadores Indígenas do Rio Negro desempenhou um papel essencial durante a Pandemia de Covid 19. A iniciativa foi até premiada (HAMDAM, 2022) e segue expandindo seus horizontes: o que antes eram boletins sonoros e podcast, agora também é rádio web, com uma identidade própria. "A gente vai se adaptando nesse mundo de tecnologia, do podcast, pra poder também trazer os elementos de acordo com a nossa realidade aqui da região, então nós também temos um perfil, uma cara para a região do Rio Negro, né?", aponta Cláudia Ferraz (2024), que destaca ainda que a Rede segue inovando, para nunca ficar pra trás: "Não é algo assim definido. A gente vai recriando, vai criando, a gente vê 'ah, isso aqui não está dando certo'. Acho que os nossos parentes, se não curtiu ou se não comentou, 'bora mudar a estratégia', 'acho que isso aí não rendeu, bora fazer outra coisa, bora inventar', tá entendendo?"

Espiritualidade: nós somos a natureza[15]

> Chama a Cabocla de Pena
> Eu chamei ela para vir te ajudar
> Pra ver a força da Jurema
> Pra ver a força que a Jurema dá
> Oh Cabocla de Pena, Cabocla Jurema
> Tem pena dela, tem dó.
> Oh Cabocla de Pena, Cabocla Jurema
> Tem pena dela, tem dó.
> (RIBEIRO, 2023)

O texto acima é do canto de Sanderline Ribeiro, indígena da etnia potiguara,

[14] Entrevista realizada em São Gabriel da Cachoeira, Amazonas (2024).

[15] #03. Espiritualidade: Nós Somos a Natureza - RAÍZES | Podcast on Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3kOZlisy4dV1QL0bAWGf5C>. Acesso em: 27 abr. 2025.

do Estado da Paraíba. “Este é o nome que consta lá no cartório. O nome indígena recebido é Amanacy, que é uma palavra em tupi antigo, que quer dizer *Mãe da Chuva*”, revela.

Ela é formada em Pedagogia e Letras - Língua Portuguesa; é especialista em Educação do Campo e Mestra em Ciência das Religiões. Realiza atividades voltadas para os cuidados das pessoas que chegam ao espaço dela, o Canto da Jurema, localizado no município de Rio Tinto. Esses cuidados podem ser físicos ou do espírito – ou ambos – já que, para curar, Sanderline alia seus conhecimentos sobre ervas e medicina tradicional indígena às suas raízes espirituais.

> Vão desde os problemas físicos, psicológicos e espirituais. Então, pessoas que são kardecistas, espíritas, evangélicos, católicos, umbandistas, candomblecistas, dentre outras religiões, independentemente da cor, da fé, vez por outra estão passando por aqui. Além de a gente ter contato com pessoas que vêm de outros estados, de outros países, para vivenciar essas experiências com a Cabocla Jurema. (RIBEIRO, 2023)

Assim, Sanderline também atende por Pajé Amanacy – ou Majé, se você preferir. No trecho acima, ela canta para a Cabocla Jurema, entidade espiritual que a acompanha. Em comunidades indígenas ameríndias da família linguística tupi-guarani, o Pajé desempenha um papel importante como curandeiro, feiticeiro, sábio e orientador espiritual (VEIGA, 2024).

Figura 3 - Imagem de capa e de divulgação do terceiro episódio do RAÍZES

Fonte: Isabelle Dantas (2025).

Mas essa prática não é fácil em territórios que já há tempos têm contato com a chamada sociedade envolvente – os não indígenas. Isso porque, após séculos de violência, muitas dessas comunidades não carregam mais suas crenças ancestrais. Aqueles que procuram reavivar e fortalecer a espiritualidade indígena, muitas vezes, sofrem preconceito e perseguição.

> O que eu noto, o que tem causado isso, é a interferência de várias religiões dentro das aldeias, que fazem com que as pessoas passem a enxergar as práticas ancestrais como que atividades proibidas pela lei divina, como se estivesse desagradando a Deus. E quando essas pessoas veem, começam a enxergar alguém fazendo o processo contrário, ou seja, não deixando de reverenciar os seus ancestrais por causa da igreja e buscando fortalecer os conhecimentos, as práticas de cura, então essas pessoas se põem a criticar, perseguir, e desmerecer o trabalho realizado por uma mulher, por uma mulher que tá fora do território indígena e que, mesmo assim, insiste em se manter firme na propagação dos conhecimentos, das práticas, das ritualísticas. E isso causa um desconforto, sim, mas sendo conduzida pela espiritualidade eu tenho conseguido fortalecer a identidade indígena. E mesmo diante dessas forças contrárias, não tenho desistido da missão.

(RIBEIRO, 2023)

Brenno Xavier, que também atua como benzedeiro e curandeiro, sentiu esse chamado de conexão com a natureza. Ele explica que foi um processo difícil porque, para acessar completamente a sua cosmovisão indígena, foi necessário que ele rompesse com as crenças com as quais passou a vida tendo contato; um sistema que tem essa visão utilitarista da natureza.

> A minha busca sempre foi estar integrado a todo o meio natural e só que a sociedade não nos dá essa oportunidade de a gente entendê-la como sujeito. (...) A gente aprende, desde criança, que é da natureza que a gente extrai as coisas. Então, sempre no consumo, sempre tratando ela como um objeto. E não era assim que eu via a vida, mas era assim que a vida se apresentava para mim. E aí chega um determinado momento, que eu tive uma crise existencial, não me identificava como sujeito, nem como indivíduo no sistema em que eu vivia. Aí larguei tudo e me mudei pra viver aqui no território, com aquilo que eu acreditava, que eu acredito como verdade, que é: a natureza pra mim é Deus. Então é à natureza que faço meus manifestos, é pra natureza que eu respondo as minhas questões, é a natureza que mostra todos os dias minha missão. (XAVIER, 2023)

Sanderline Ribeiro completa revelando que a religião do indígena é a natureza.

> O indígena, ele não tem religião definida. Ele se conecta com o sagrado através da natureza, é o seu *religare*, né? Então a natureza é o caminho pra que o indígena se conecte com a sua força ancestral, com a força sobrenatural, com a espiritualidade que permeia todos os locais que ele possa estar, seja no ambiente da mata, do mangue, das águas doces ou salgadas, nos espaços que costuma trabalhar. Então, ali está a religiosidade, espiritualidade indígena, que é ela quem se comunica, dá os recados, orienta, conduz as práticas e é ela que fortalece e traz a proteção e os ensinamentos que forem necessários, né? Então, a religião indígena, ela está presente nos espaços da natureza, da Natureza Sagrada, da Mãe Natureza e assim a gente reverencia as forças que fortalecem a nossa identidade, a nossa cultura, sem precisar estar em um templo de quatro paredes, ou em um lugar que tem uma placa que possa dizer “aqui é a igreja, aqui é o templo do povo indígena”. O templo é qualquer lugar, desde a oca até ao redor de uma fogueira, até no ritualizar de entrar no rio, no mar, nas matas, nos manguezais. Ali é a igreja; ali é o templo religioso. Que não foi construído por mãos humanas, mas por uma força maior e que está à disposição de quem souber apreciar. A força que cada lugar, cada espaço tem. (RIBEIRO, 2023)

A retomada de práticas espirituais ancestrais é crescente e necessária. A Pajé Amanacy manda um recado aos que ainda têm alguma dúvida quanto a isso:

> Então, honre a sua ancestralidade, a sua espiritualidade, honrando tudo que a natureza tem pra nos oferecer, e assim a gente vai estar se conectando com a nossa essência, com a nossa originalidade, com aquilo que contribuiu pra que a gente pudesse ser hoje o que a gente é, sabendo que a gente pode ser o que a gente quiser, sem deixar de ser o que a gente é. (RIBEIRO, 2023)

Memória: o futuro é ancestral[16]

Memória: dentre as várias definições deste substantivo feminino listadas no Dicionário Oxford e Google[17], a primeira é: "faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se ache associado aos mesmos".

Figura 4 - Imagem de capa e de divulgação do quarto episódio do RAÍZES

[16] #04. Memória: O Futuro É Ancestral - RAÍZES | Podcast on Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7jhwfo4NyUniP3o13JnyRY>. Acesso em: 27 abr. 2025.

[17] Oxford Languages and Google - Portuguese | Oxford Languages. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em: 27 abr. 2025.

Fonte: Isabelle Dantas (2025).

Mas memória também pode ser o relato que alguém faz a partir de acontecimentos históricos dos quais participou ou foi testemunha, ou que estão fundamentados em sua vida particular. Essa definição aparece por último na lista de significados, mas é a que mais importa aos povos indígenas. Memória é uma das características da comunicação indígena.

O conhecimento produzido pelas populações indígenas está diretamente ligado à sua cosmovisão, ou seja, sua visão de mundo. E nessa cosmovisão existe uma estrutura milenar, que constrói um processo de compreensão da vida em múltiplas dimensões (MILHOMENS, 2022).

A Tamara Rodrigues e a Jaqueline Ciríaco (Irembé Potiguara) desenvolvem um projeto em sua comunidade, e a ideia é justamente o registro da memória de seu povo. A iniciativa surgiu da necessidade de contar os acontecimentos do ponto de vista não de quem invadiu, mas de quem foi invadido, e registrar as histórias de luta dos anciãos e anciãs do Território, como analisa Tamara

Rodrigues:

> E pelo fato de eu perceber que não tinha tanto essas pessoas pra poder contar essa história, às vezes acabava dificultando (...) E aí surgiu o Memórias Potiguara, que é um trabalho de audiovisual que a gente faz, não tem vínculo com nada, é um trabalho mesmo nosso, sou eu e tem acho que umas cinco ou sete pessoas, são todas mulheres, e a gente trabalha o audiovisual das nossas histórias, do passado, contadas pelas pessoas que vivenciaram determinados momentos de luta, de defesa, essas coisas do nosso povo, e aí tem sido muito gratificante. A gente percebe, a gente tem um perfil no Instagram, quando a gente coloca essas informações lá, a gente faz um cardzinho, com algumas informações pequenas, e a gente tem o canal do YouTube que a gente coloca todo esse documentário lá, por enquanto são vídeos pequenos, curtos, né? Feitos com o celular, a gente não tem equipamento adequado pra poder fazer um trabalho melhor. Mas a gente tem trabalhado desse jeito e eu vejo que é muito importante a gente, enquanto indígena, se organizar, poder falar sobre o nosso povo, poder contar a história do nosso povo e até mesmo como uma forma de defesa, né? Da gente poder mostrar que aquilo que está sendo contado muitas vezes pelas mídias tradicionais não é da maneira como eles contam. Não existe uma segunda versão e eu acho que a internet, as redes sociais nos permitem que a gente consiga contar o que realmente está acontecendo agora. Sem ter esse ensaio todo, porque quando a gente tem uma mídia que é branca e que às vezes é racista, tem um racismo dentro impregnado, então ela vai contar o que é importante pra eles, no contexto deles. E aí a nossa história em algum momento acaba sendo apagada. Então a gente tem esse dever de contar a nossa história como ela realmente é. (RODRIGUES, 2023)

Guardar a história para que as próximas gerações também tenham acesso a ela, como explica Irembé:

> É um trabalho que faz com que a gente registre as memórias do nosso povo, as falas dos nossos mais velhos, que a gente deixe isso eternizado de alguma forma para que as futuras gerações tenham acesso. Então, é um mecanismo de luta, é um mecanismo de registro, de guardar memórias, de eternizar momentos. Tem um trabalho na fotografia também, de estar registrando a vivência, o cotidiano das aldeias, estar registrando através de fotos os rituais, tudo isso. Quando as pessoas se veem na foto é muito gratificante, porque é como se elas se sentissem importantes. E aí a gente dando essa possibilidade de estar eternizando, aquele momento pra ela é de grande valia, eles se sentem representados e a gente consegue representar a história do nosso povo a partir dessas atividades. Recontando a história, sendo protagonista, sendo o autor da nossa própria história, né? A gente não quer dar mais apenas a oportunidade a quem queira vir falar sobre nós, mas que a gente possa também ter essa oportunidade, né? Ter essa vez e ter a visibilidade que é necessário para

que isso aconteça. (CIRÍACO, 2023)

A Irembé Potiguara ainda atua em outra frente de preservação da memória de seu povo, que é a revitalização do tupi antigo, língua materna do povo Potiguara.

> Eu faço esse trabalho da revitalização da língua e, juntamente com isso, eu tento buscar um pouco de usar as tecnologias a favor do fortalecimento da identidade do nosso povo, para aproximar os jovens também, fazer com que eles se sintam inspirados a querer participar do movimento, mostrando que eles também têm a possibilidade de fazer isso através dos recursos audiovisuais que muitas vezes eles usam apenas com certa limitação, não voltado pra essa questão do nosso povo, dos povos como um todo. É dando esse passo a passo, dando essa contribuição da maneira que a gente puder, da maneira que for necessária, de estar utilizando a comunicação a nosso favor, não deixar que as pessoas falem sobre nós de maneira indevida perpetuando uma história que é totalmente distorcida e que acaba sendo a verdade pra muitos. A gente quer mostrar a nossa verdade, né? E essa luta é constante. (CIRÍACO, 2023)

No trabalho de comunicação desenvolvido pela Rede Wayuri de Comunicadores Indígenas do Rio Negro, no Amazonas, eles também perceberam que a língua materna faz muita diferença quando se trata da preservação da memória dos povos originários, como revela Cláudia Ferraz, do povo Wanano, que coordena a rede:

> Quando algum ancião vem contar história na língua, eles se identificam, gostam de ouvir a narração. Eu acho que traz isso, essa questão dos nossos antepassados que passaram por aquela situação de não poder falar a língua, de não poder isso, de não poder aquilo, e de a gente tentar trazer para o agora a nossa língua, os nossos costumes, as nossas culturas, tentando sobreviver nesse meio de mudanças, de tecnologia, de várias coisas. A gente vai se adaptando, mas sem deixar de falar a nossa língua e sem deixar a nossa cultura, a nossa diversidade morrer. Tentando sobreviver nesse mundo. (FERRAZ, 2024)

Mais do que sobreviver, os movimentos de retomada de conhecimentos ancestrais falam muito sobre reavivar. Para Brenno Xavier, a memória da indianidade está gravada no DNA do brasileiro, e muitos têm despertado para o contato com suas raízes.

> É certo que todo brasileiro carrega um pouco do sangue ancestral na veia. E muitas pessoas vivem com saudade do que não sabe nem de quê; e essa saudade, ela ressoa todas as vezes que as pessoas chegam aqui. Quando as pessoas chegam aqui, muitas delas se emocionam sem saber, ela sempre fala de como é linda a natureza e de como gostaria de viver mais próximo dela. E todas as vezes que a gente vai iniciar algumas práticas ou mostrar alguns artefatos, as pessoas têm muitas familiaridades sem mesmo nunca ter tido contato antes. Então, essa referência, ela é ancestral. Ela está registrada no nosso genoma, né? Então, muitas pessoas, elas chegam aqui, elas se reconhecem com isso e a cada nova visita mais forte fica, e todo mundo que sai daqui sempre leva as histórias que viveu aqui, mandando mais pessoas pra cá. Então sim, é uma grande crescente. O futuro, ele é ancestral. (XAVIER, 2023)

Considerações Finais

No período de sua veiculação, durante o mês de abril de 2024, com episódios lançados às quintas-feiras (nos dias 3, 10, 17 e 24 de abril) nas plataformas de áudio Spotify, Deezer, Amazon Music e Apple Podcasts, o podcast RAÍZES foi tocado 153 vezes, (segundo o Spotify Creators, onde está cadastrado o Feed RSS do podcast). No Youtube (https://www.youtube.com/@raizes.podcast), a página do programa somou 121 visualizações e, no Instagram (https://www.instagram.com/raizes.pod/), tivemos um total de 5.821 visualizações, com um alcance de 2.332 usuários totais. Finalizamos o mês de abril com um total de 35 seguidores no Spotify, 95 seguidores no Instagram e 8 inscritos no canal do YouTube.

Tabela 1 - Números do podcast RAÍZES no mês de abril de 2025

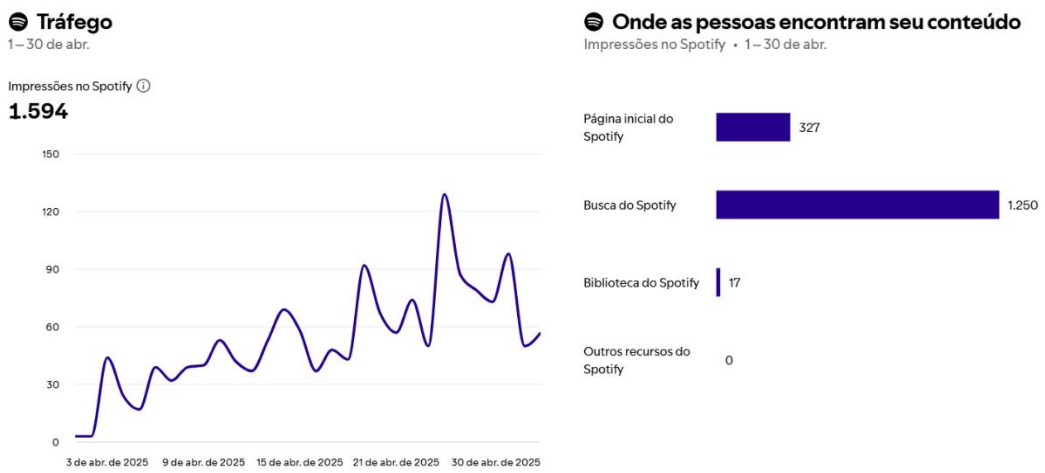
Resultados até 02/05/2025			
Episódio	Spotify	YouTube	Instagram (reproduções de reels de dupla de episódios)
#01. Identidade: ser indígena no Brasil, hoje	60 reproduções	47 reproduções	1.549 reproduções
#02. Comunicação: Armados Para A Luta	37 reproduções	15 reproduções	656 reproduções
#03. Espiritualidade: Nós	35	30	968 reproduções

Somos a Natureza	reproduções	reproduções	
#04. Memória: O Futuro É Ancestral	19 reproduções	16 reproduções	824 reproduções

Fonte: Autoria própria (2025).

Tivemos um alcance de pessoas dez vezes maior que os usuários ouvintes no Spotify, com um total de 1.594 impressões do podcast, por meio da sugestão de conteúdo na página inicial da plataforma, da ferramenta de busca do Spotify e através da biblioteca pessoal do usuário da mídia:

Figura 5 - Captura de tela de Estatísticas do mês de abril de 2025 do podcast RAÍZES no Creators Spotify



Acesso em: 02 maio 2025.

Consideramos que o papel de divulgação científica sobre visões e conhecimentos das pessoas entrevistadas foi atingido com sucesso, por despertar a curiosidade e a empatia dos que ouviram e interagiram com nosso conteúdo. Ainda que se trate de uma amostra ínfima diante da grandeza do universo dos povos originários brasileiros, em número, diversidade e questões que os afetam, acreditamos na contribuição do projeto e torcemos para que muitos outros surjam, a fim de proporcionar o espaço para a voz e o protagonismo indígena na pauta e no debate dos assuntos referentes a suas populações.

Agradecimentos

Aos entrevistados que contribuíram com a pesquisa; à equipe de produção do Podcast RAÍZES; e à Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento (PRIP-USP), pelo financiamento do projeto.

Referências

BOLOGNESI, L. **Guerras do Brasil**. Produção: Buriti Filmes. Exibição: Netflix, 2019. 5 episódios (26-28 min). Documentário.

CIRÍACO, J. **Entrevista**. Rio Tinto, Paraíba. 15 min, out. 2023.

CRUZ, M. C. DA; BARTNISKI, J. E. V.; CHAGAS, L. J. V. **O Áudio e a Etnomídia no Combate ao Coronavírus em Comunidades Indígenas**. Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. **Anais**...2020. Disponível em: <https://bit.ly/3owA18T>. Acesso em: 29 maio. 2023

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. Em: DUARTE, J.; BARROS, A. (Eds.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 62–83.

FERRAZ, C. **Entrevista**. São Gabriel da Cachoeira, Amazonas. 60 min, mar. 2024.

FREIRE, E. P. A. Conceito educativo de podcast: um olhar para além do foco técnico. **Educação, Formação & Tecnologias**, v. 6, n. 1, p. 35–51, 2013.

HAMDAM, A. A. **Rede Wayuri é premiada em Haia por inovação e combate à desinformação**. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/rede-wayuri-e-premiada-em-haia-por-inovacao-e-combate-desinformacao>. Acesso em: 21 fev. 2025.

IBGE. **Censo Demográfico 2022 Indígenas: Primeiros resultados do universo**. Rio de Janeiro: [s.n.]. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102018.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2024.

MILHOMENS, L. Organizações indígenas e redes comunicacionais no brasil: luta e

resistência. Em: MILHOMENS, L. (Ed.). **Comunicação, questão indígena e movimentos sociais**. Manaus: EDUA, 2022.

NASCIMENTO, L. G. **Etnocomunicação Indígena como Prática de Liberdade Decolonialista e Ancestral**. Curitiba: Editora Appris, 2021.

POTIGUARA, I. **Entrevista**. Rio Tinto, Paraíba. 38 min, out. 2023.

RABELO, H. **Entrevista**. Rio Tinto, Paraíba. 19 min, out. 2023.

RAÍZES | Podcast on Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/1ArSAIs1vB4ETxVykR2Ym9>. Acesso em: 27 abr. 2025.

RIBEIRO, S. **Entrevista.** Rio Tinto, Paraíba. 41 min, out. 2023.

RODRIGUES, T. **Entrevista**. Rio Tinto, Paraíba. 19 min, out. 2023.

TUPINAMBÁ, A. **Entrevista**. Online. 54 min, abr. 2024a.

TUPINAMBÁ, A. **Jornalismo e Povos Originários: O Papel Transformador da Etnomídia Indígena**. Disponível em: <https://radioyande.com/jornalismo-e-povos-originarios-o-papel-transformador-da-etnomidia-indigena/>. Acesso em: 4 jul. 2024b.

VEIGA, E. **Ligação mística com a natureza: a religiosidade dos indígenas brasileiros**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/ckv75xjd340o>. Acesso em: 20 dez. 2024.

XAVIER, B. **Entrevista**. Baía da Traição, Paraíba. 14 min, out. 2023.